

**Perguntas a São Francisco**  
Questions to São Francisco



## **Dos azulejos da capela-mor, desta, do seu retábulo e da igreja do convento de São Francisco de Portalegre**

The tiles of the chancel, its altarpiece and the church  
of the Convent of São Francisco of Portalegre

ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE - FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE - FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O REVESTIMENTO AZULEJAR da capela-mor da Igreja do antigo Convento de São Francisco de Portalegre, rematando de cintilações azuis a perspectiva do templo finalmente reabilitado, constitui inegavelmente um dos traços mais impressionantes do património integrado nele sobrevivente. Uma visão superficial basta, na aparência, para lhes descodificar o significado: oriundos de oficina lisboeta e da corrente designada de *grande produção joanina*, destinavam-se a providenciar o enriquecimento visual do templo, dentro da *lógica das ricas igrejas mendicantes* e, especificamente, do desígnio de outorgar uma visualidade cénica (*de palco*) às celebrações litúrgicas, enquadrando-as, simultaneamente, de um programa iconográfico de exaltação da Ordem, por intermédio dos seus patriarcas, São Francisco e São Domingos. Em conformidade, a ousia receberia ainda um rico retábulo de mármore alentejano, na esteira do prestigioso modelo divulgado por João Frederico Ludovice na capela-mor da Sé de Évora, remodelada a partir de 1718 e posto em moda – em variantes mais ornamentais e borrominianas – por José Francisco da Silva, seu discípulo do estaleiro mafrense, um pouco por todo o interior do Alentejo, de Vila Viçosa a Elvas: ou, mais especificamente, por um seu mais modesto epígono. No todo, a reforma teria ocorrido, com boa probabilidade, entre os anos de 30/40 e 50/60 do século de Setecentos.

Porém, um olhar mais detido não tardaria a notar incongruências nesta leitura superficial. Efectivamente, não se trata de um programa azulejar, mas de dois (mesmo que em próxima contemporaneidade), constituído o primeiro pelo silhar, ao qual, surpreendentemente, seria depois (como justifica o desfaseamento da retícula azulejar, em ambos os flancos e entre ambos os conjuntos) acrescido um rodapé, ainda que parcial, por decorrência do soco que sobreleva o altar-mor. Pior: o programa não estaria relacionado com *esta* capela-mor (tal

THE TILES LINING THE CHANCEL of the Church of the former Convent of São Francisco of Portalegre, topped off by the blue flickers of light from the finally restored temple, is undeniably one of the most impressive features of the surviving patrimony located within. It would appear that merely a superficial look will suffice to decode their meaning: made in a Lisbon workshop as part of the major Johannine production of the period, intended to bestow visual enrichment on the temple, within the logic of rich mendicant churches, and specifically with the purpose of bestowing a scenic backdrop (from the stage) to the liturgical celebrations by simultaneously framing them within an iconographic programme exalting the Order through the intermediaries of their Patriarchs, Saint Francis and Saint Dominic. The Order would have furthermore received a rich altar piece made of Alentejan marble, in the wake of the prestigious model unveiled by João Frederico Ludovice in the chancel of the Cathedral of Évora, rebuilt from 1718 to become fashionable – in more ornamental and Borrominian forms – by José Francisco da Silva, his apprentice from the Mafra workshop, here and there throughout rural Alentejo, from Vila Viçosa to Elvas: or, more specifically, by his more modest epigone. All in all, the reform would have probably occurred between the years 1830/40 and 1850/60.

However, a closer look would soon notice inconsistencies in this superficial reading. Indeed, this is not a single tiling work, but two (even if carried out in close proximity), made up of the first ashlar, to which, surprisingly, would later (thus explaining the difference in the tiling pattern on both sides and between both sets) be added a skirting board, albeit partial, because of the socle raising the main altar. Worse: the decorative work would not have been connected to this chancel (as it now appears), but with another where, within this logic,

como hoje surge modelada), mas com *outra* que lhe terá pré-existido, na lógica também de um retábulo-outro, cujo avanço ocuparia o último *tramo*, por isso desguarnecido de azulejos, marcado por pilastra de argamassa e rematado ao nível da cornija por uma objectiva solução de disfarce: tudo indica, assim, que a primeira campanha azulejar (à cota hoje marcada pelo patamar) se relacionaria com um retábulo de talha de *estilo nacional*, cuja data de conclusão poderia rondar por 1720/25 e cuja planta dinâmica absorveria (entre as arquivoltas e o camarim) o tramo final, hoje livre de azulejos, por encostar-se ao topo (por essa via ganhando espaço útil – e céptico) o retábulo actual, dotado também de camarim mas não de arquivoltas reentrantes. Enfim, a surpreendente colocação de um rodapé de azulejos sob um silhar pré-existente, claramente trai a existência de obras amplas de remodelação do pavimento da capela-mor, onde o recuo do patamar ao nível actual colocaria a necessidade de o preencher esteticamente: em mais uma solução de *disfarce*. Mas é certo que também este conjunto azulejar (o silhar: o rodapé é meramente cenográfico) de interpretação aparentemente singela, no seu programa-tipo de exaltação franciscano-domínica, parece revelar outra complexidade, a despeito de uma ingénua teatralidade, que exprimem os originais *frades-convite* que constituem os pés-direitos de abertura.

Como quer que seja, nada de simples – e muito menos uma campanha ou duas (azulejos e retábulo) –, no quadro-paradigma das *ricas igrejas mendicantes*, se ostenta aqui: antes parece ilustrar-se uma sucessão quase contínua de campanhas de ambições relativamente modestas, articuladas em programas que se encastelam na lógica do seu próprio desenvolvimento:

- silhar de azulejos, com probabilidade assente na década de 1730, na sequência da colocação do retábulo de *estilo*

there would also have pre-existed another altar piece, the advancement of which would taken up the last tranche, of uncovered tiles, marked by a pilaster made of mortar topped off at the cornice by a solution the purpose of which was aimed at disguise: everything therefore points to the first tile work (at the level nowadays marked by the landing) being related to an altar piece carved in the national style, whose completion date could be around 1720/25, the dynamic shape of which would include (amongst the archivolt and the cabinet) the final tranche, nowadays free of tiles with the present-day altar piece leaning against the top (and thus gaining useful and scenic space), also containing a cabinet but without recessed archivolt. Finally, the surprising placement of a skirting board of tiles under a pre-existing ashlar clearly betrays the existence of extensive renovation works to the floor of the chancel, where the withdrawal of the landing to its present level would have created the need to aesthetically fill this space: using once more a solution involving disguise. But it is also true that this set of tiles (the ashlar: the skirting board is merely ornamental) with a seemingly simple interpretation in its design – of the Franciscan-Dominican exaltation form, which appears to reveal another complexity, despite a naive theatricality, as expressed by the original inviting-monks that constitute the pillars of the opening.

In any event, nothing simple – let alone a building work or two (tiles and altarpiece) – in the paradigm-framework of the rich mendicant churches, is shown here: this rather seems to illustrate a series of almost continuous building works of relatively modest levels, focused on work that is fortified by the logic of its own development:

- an ashlar of tiles, probably laid around 1730, following the placement of the altar piece in the national style





*nacional* (encomendado por 1720) e ainda com o pavimento completo da capela-mor, até ao arco-triunfal, tal como seria delineado em finais do século XVII;

- remodelação, por 1740, do pavimento da capela, gerando a necessidade de providenciar um soco parcial de azulejos, sotoposto ao silhar até ao patamar e de finalidade puramente ornamental;
- por fim, na década de 50 (?), substituição do retábulo *nacional* por novo, *à romana*, materializado por um mestre modesto, disponibilizado pelas campanhas em que, ao redor, se ocupava José Francisco da Silva, a cuja escola formativa claramente pertence, complementada por um trabalho ornamental em massa e em gosto rococó, *aggiornando* as pilastras e intradorsos de todo o sistema de arca-

(comissionado around 1720) and along with the complete paving of the chancel, up to the triumphal arch, as would have been laid out at the end of the 17<sup>th</sup> Century;

- redesign, around 1740, of the paving of the chapel, creating the need to provide a partial socle of tiles, placed underneath the ashlar up to the landing for purely ornamental purposes;
- finally, in the 1950s (?), replacement of the national altar piece by a new one in the Roman, made by a modest artisan, involved in the building works being carried out by José Francisco da Silva, and to whose school this clearly belongs, complemented by an ornamental work in mortar in a rococo style, *aggiornando* the pilasters and the intradoses of the whole arcade system, and also showing the reform which, at the end of the 17<sup>th</sup>/beginning of the 18<sup>th</sup> Century, while the *chão* style was still falling from favour would - ironically - be responsible for the baroquisation of the period: and whose point of arrival (in both the carving and the fresco) would be the national altar pieces.

Overall, therefore, a list of small scale building works, which greatly contribute to contradicting the simplistic mythology that long has surrounded this monastic art and, in particular, that of the Franciscan order, which it becomes necessary to extensively question – from a perspective ranging from History to the History of Art – using the notable case study of the church of the Convent of São Francisco: Questioning the life and resource cycles, cultures and exegeses and, in general, everything laid out around the complex problem of the commissioning of a work of art. More darkness than lightness, however – which, above all, raises a set of questions (which can be stated in the following way):

ria, marcado ainda pela reforma que, em finais do século XVII/inícios do XVIII, ainda em declínio do gosto *chão*, seria – por ironia – responsável pela barroquização do tempo: e cujo ponto de chegada (na talha como no fresco) serão os retábulos *nacionais*.

No conjunto, pois, um somatório de intervenções de pequena monta, que poderosamente contribuem para contraditar a mitografia simplista que, por longo tempo, tem rodeado a arte monástica e, em particular, a franciscana, que se torna necessário questionar – do plano da História ao da História da Arte – em toda a extensão, neste notável *case study* que constitui a igreja do Convento de São Francisco: indagando ritmos de vitalidade e ciclos de recurso, culturas e exegeses e, em geral, tudo quanto se perfila em torno do problema complexo da encomenda artística. Mais sombras que claridades, pois – suscitando, acima de tudo, um feixe de questões (que se reduz ao cânone indicado):

1. De que recursos económicos dispunha efectivamente o Convento no decurso dos séculos?
2. E como se comportaram estes entre o declinar do século XVII e o final da centúria seguinte?
3. Qual o comportamento demográfico da comunidade no decurso do tempo?
4. E no lapso evocado?
5. Que cultura se abrigava sob as suas paredes?
6. Que sabemos da sua biblioteca?
7. Que importância tinha o Convento na rede de implantação da Ordem?
8. Que benfeitores/mecenas com ele interagiram no decurso do tempo (e que relação tinham com os sepultamentos)?



1. What economic resources did the Convent have over the centuries?
2. And how did these change towards the end of the 17<sup>th</sup> Century and the 18<sup>th</sup> Century?
3. How did the number of people in the community change over time?
4. And in the period mentioned?
5. What culture was housed under its walls?
6. What do we know about its library?
7. How important was the Convent within the network established by the Order?
8. What benefactors/patrons interacted with it throughout its history (and what was their relation to the entombments)?
9. And in the period mentioned?
10. What were the artistic resources in Portalegre during this period?

9. E no lapso evocado?
10. Que recursos artísticos existiam em Portalegre no período referido?
11. Que redes estabelecem com os grandes centros?
12. Que redes estabelecem com a região ?
13. Que redes estabelecem com a raia?
14. Que nexos estabelece o programa arquitectónico da capela-mor/nave com outros programas afins na região?
15. Qual a sua cronologia?
16. Que equipas podem ser aduzidas a eles?
17. Que levantamento pode ser feito em Portalegre de situações afins?
18. A que oficina podem ser indexados os azulejos do silhar?
19. A que oficina podem ser indexados os azulejos do rodapé?
20. Que distanciamento cronológico é possível estabelecer entre eles?
21. Qual o verdadeiro significado do programa iconográfico do silhar?
22. Qual a extensão da rede em que se inscreve o retábulo da capela-mor?
23. Que ritmos cronológicos se podem estabelecer no seu interior?
24. Qual o impacte regional da “escola” desenvolvida em redor de José Francisco da Silva?
25. É possível reconhecer outros oficiais trabalhando na sua esteira – e, nesse contexto, apurar uma autoria para o retábulo de São Francisco?
11. What kind of networks did they establish with the major centres?
12. What kind of networks did they establish with the region?
13. What kind of networks did they establish with the frontier?
14. What links did the architectural works of the chancel/nave form with other related works in the region?
15. What was their chronology?
16. Which working teams can be adduced to them?
17. What type of survey of related works could be carried out in Portalegre?
18. To which workshop can the ashlar tile work be linked?
19. To which workshop can the skirting-board tiles be linked?
20. What chronological distance is it possible to establish between them?
21. What is the true meaning of the images present on the ashlar?
22. What is the extent of the network to which the altar piece of the chancel is connected?
23. What chronological cycles is it possible to establish in its interior work?
24. What was the regional impact of the “school” which developed around José Francisco da Silva?
25. Is it possible to discover other workshops carrying out building works within its wake – and within that context, to establish authorship for the altar piece of São Francisco?